

A PROPENSÃO HUMANA PARA O PECADO E AS TENTAÇÕES DE CRISTO

*Demóstenes Neves da Silva**

Teriam sido as tentações de Cristo mais suaves do que as nossas? Se o Salvador não tinha propensão para o pecado, como todos os descendentes de Adão, como poderia Ele ter tido as mesmas provas que nós e ser nosso exemplo? Poderia ter sido gerado em pecado como nós e, ao mesmo tempo, ser sem pecado e ainda nosso Salvador?

Diante das perguntas acima, pretendemos fazer uma abordagem, fundamentada basicamente na Bíblia e nos escritos de Ellen G. White, sobre a situação pós-lapsariana da humanidade e em que sua situação se assemelha à de Cristo e em que se diferencia. Procuraremos analisar em que base se sustenta a propensão no homem caído e onde está o ponto de tensão, que teria sido igual ou superior em Cristo, apesar da diferença de naturezas entre o pecador e o Salvador. Finalmente, desejamos destacar pontos que demonstrem que Jesus foi mais provado do que nós e teria experimentado mais tensões espirituais, embora sem pecado, mesmo considerando nossa situação após a queda, sob o peso de atos e propensões pecaminosas.

A Condição do Homem Após o Pecado

A condição pecaminosa é universal: Segundo as Escrituras todo ser humano herdou a condição pecaminosa de Adão após a queda e “destituídos estão da glória de Deus” (Rm 3:23). Essa situação de pecado é comprovada incontestavelmente pela morte “por isso que todos pecaram” (Rm 5:12). Não há exceção: A declaração enfática de que “todos estão debaixo do pecado” (Rm 3:9) leva à conclusão óbvia de que “não há um só justo” (Rm 3:10) e “ninguém que faça o bem” (Rm 3:12).

Há inimizade natural contra Deus e Sua lei. O ser humano, na explanação do apóstolo é “carnal” em oposição à lei que é espiritual (Rm 7:14). Essa condição carnal leva-nos à inclinação contra a lei de Deus e para a morte, desagradando a Deus (Rm 8:6-8).

A inimizade vem desde o nascimento. Assim, a própria natureza humana é corrompida em si mesma desde sua concepção (Sl 51:5), havendo no indivíduo não convertido um “enganoso coração mais do que todas as coisas e perverso” (Jr 17:9).

* *Demóstenes Neves da Silva* é mestre em Teologia, professor do SALT-IAENE e doutorando em Teologia Pastoral.

Daí possuindo uma inimizade gratuita contra Deus, o que o torna “por natureza filho da ira” e morto “em ofensas e pecados” (Ef 2:3-5). Não há (e nunca houve) ser humano que viva e não peque (Pv 20:9; Sl 14:3; 143:2).

A condição pecaminosa impede todo ser humano de entender as coisas espirituais por si mesmo. O entendimento carnal “não pode compreender as coisas do Espírito de Deus, pois lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente” (I Co. 2:14). Sua boas obras não servem para a Salvação (Rm 3:20) e são trapos de imundície (Is 64:6).

O ser humano não pode escapar dessa situação sozinho. Finalmente, como poderia alguém fazer o bem, ou se o fizesse, ser um bem legítimo se nele “não habita bem algum”, e mesmo quando quer realizar o bem não consegue (Rm 7:18) “pois o mal está comigo” (v. 21)? Essa impotência total justifica a declaração de Jesus de que “sem mim nada podeis fazer” (Jo 15:5).

Nos apelos naturais para pecar, resultado do nascimento e condição de pecado, é que o ser humano vivencia a posse da “tendência para o pecado”, situação anômala e contrária ao plano original de Deus quando criou o homem numa situação em que “tudo era bom” (Gn 1:31). A natureza do ser humano, pois, na presente realidade que vivemos, é estruturada (ou poderíamos dizer “desestruturada”) para pecar. Ela deseja pecar como parte de si mesma. Como alguma coisa essencial à sua satisfação e realização. O pecado é seu ambiente, o único que conhece e entende, de onde por si próprio *não pode e nem quer sair*.¹

Seria difícil aceitar as declarações acima como referindo-se a Jesus, considerando as descrições bíblicas e da igreja acerca de sua especial natureza e impecabilidade.² Ao buscar a solidariedade de Cristo conosco, impingido-lhe uma

¹Ellen G. White, *Patriarcas e profetas* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1979), 45, 312; Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1979), 108.

²Esse pensamento pode ser encontrado em várias passagens da literatura da igreja primitiva assegurando a Sua natureza sem propensão para o pecado: 1) “...em Jesus Cristo recuperamos o que foi perdido em Adão, ou seja, o sermos a imagem e semelhança de Deus... Irineu. Adv. Haer, em Henry Bettenson, editor, *Documentos da igreja cristã*, 3ª ed. (São Paulo: ASTE, 1998), 69. 2) “Habitando entre nós comunicou-nos a genuína incorruptibilidade...” (Ibid., 71. 3) “...o Senhor...recapitula (resumo) em si o homem original...” (Ibid., 70. 4) Nasceu da virgem que não conheceu concupiscência por um novo e portentoso modo, tomando dela a natureza mas não a culpa. (Ibid., 100. 5) Já Bettenson, comentando no Credo Niceno (de Cesaréia) aperfeiçoado pelo Concílio de Nicéia em 325, o termo “alterável”, declara que refere-se a Jesus não ser moralmente alterável o que seria anátoma (atréptôs), esclarece ainda o termo “enanthôpêsanta – tomando sobre si tudo aquilo que faz homem ao homem, alargando sarkhôthénta, fez-se carne, ou, talvez, viveu como homem entre os homens...” Sendo assim Jesus herdou as características humanas necessárias para ser identificado como tal, uma natureza que não foi alterada moralmente em momento algum, segundo o Credo de Nicéia. (Ibid., 69. 6) O Tomo de Leão ou Definição de Calcedônia, declara que Cristo não tinha em sua natureza humana as propriedades produzidas pela queda (herdadas) e adquiridas. Sua natureza era “perfeita” de homem verdadeiro. Tinha fraquezas mas não culpa, nem mácula, nada tinha “das propriedades que trouxe para dentro de nós o sedutor” (Ibid., 97). Atanásio (296 a 373) em sua obra *De Incarnatione*, 328 AD, diz que Ele tomou corpo mortal, entretendo “incorruptível” para que a corrupção cessasse revestindo-se de sua incorrupção (apesar de, no texto, aparentemente alegar a divindade para tal incorrupção). (Ibid., 75. 8) Nos debates contra o semipelagianismo aparece a idéia de

natureza “em pecado” (tendência e condição de pecado), só encontraremos uma tensão contraditória.³ Essa solidariedade deve ser procurada na semelhança humana e na vulnerabilidade às mesmas dores que nós, no “habitar” conosco e superar tensões e provas iguais e superiores às nossas, mesmo sem a tendência pecaminosa; e no entanto, vencer como o segundo Adão, conferindo Sua vitória e poder restaurador a todos os que o seguem.⁴

É possível ver nas descrições bíblicas que as provas de Jesus foram superiores não somente às de Adão, mas também superiores mesmo às da humanidade caída (Hb 2:14-18; 4:15), conforme trataremos na última parte deste trabalho.

A Operação da Tendência para o Pecado Comparada com as Provas de Cristo

A tendência para pecar se tornou, após a queda de Adão, tão poderosa na vida humana como se fosse essencial à própria vida. Sua natureza, então, integrou-se às mais fortes necessidades do ser humano como o alimento material, necessidades fisiológicas, segurança, reprodução e realização pessoal.

O apóstolo Paulo (Rm 7) demonstra a força do pecado no ser humano operando “nos seus membros”, provocando desejos contrários à vontade espiritual da lei. Os desejos são do pecado e para o pecado. Procedem de dentro.

que a liberdade humana teria se tomado tão depravada pelo pecado que sem a graça ninguém amaria, creria ou faria o que é reto para o que se dá várias passagens bíblicas. Se Jesus herdasse a natureza caída do homem, certamente estaria sob o domínio do pecado e não poderia se livrar por si mesmo, carecendo ele mesmo de um Salvador. (*Ibid.*, 116).

³Sua superioridade ética e espiritual é descrita, como uma condição mais do que desempenho, de forma contundente no escritos de Ellen White e nas Escrituras que declaram que ao nascer, em vez de em pecado (Sl 51:5), nasceria um “santo” (Lc 1:35); que “nele não há pecado” (I Jo 3:5) e que “o príncipe deste mundo ‘nada’ tem em Mim” (Jo 14:30). Nele havia “perfeita ausência de pecado”, “caráter sem pecado” conf. Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1966), 1:256,264. Não participou do pecado nem por “um pensamento” e não recebeu “nenhuma contaminação” ao se tornar homem. Seu corpo foi “preparado” por Deus: *O Desejado de todas as nações*, 109,244,264, (Mt 1:20-23)). Foi tentado em tudo “mas sem pecado” (Hb 4:15), feito sacerdote “segundo a virtude da vida incorruptível” (Hb 7:16), “inocente, imaculado, separado dos pecadores e feito mais sublime do que os céus”, que não necessitou oferecer sacrifícios por seus próprios pecados, que, em oposição a a “homens fracos” era “Filho perfeito para sempre” (Hb 7:26,27). Que se ofereceu “imaculado” a Deus (Hb 9:14). Seu sangue e corpo tem poder santificador (Hb 10:10; 12:12). Seu sangue, diferente de pessoas justificadas, fala melhor do que a do “justo” Abel (Hb 12:24; 11:4).

⁴I Co 15:45-49 declara que o primeiro Adão legou-nos (após o pecado) a imagem terrena e carnal, ao contrário do segundo Adão (Jesus) que legou-nos sua imagem espiritual. O primeiro era da Terra mas o segundo era do Céu. Agora temos a imagem do terreno mas depois (na ressurreição, que é o contexto deste capítulo) receberemos a imagem do celestial (sem pecado, redimida) isto é, a de Jesus. Veja Rm 5:12-19. “Venceu Satanás com a mesma natureza sobre a qual Satanás havia obtido a vitória no Éden.” *The Youth’s Instructor*, 25 de abril de 1901.

Nas tentações de Cristo não há desejos para pecar ou intensões impuras. Em Jesus há o conflito de renunciar a desejos naturais⁵ e inocentes porque estes, se satisfeitos naquele contexto, estariam em confronto com a vontade do Pai. Assim o desejar beber e comer, descansar ou sobreviver não deveria ser satisfeito sem a completa dependência de Deus. Jesus não deveria salvar-se a si mesmo, ainda que podendo fazê-lo. Deveria abrir mão da vida e auto-preservação. Deveria renunciar aos desejos naturais e lícitos de sua natureza sem pecado e ao fazê-lo, estaria numa luta tão intensa contra si mesmo ao renunciar: uma renúncia tão ou mais intensa como a de qualquer outro ser humano que renuncia a si mesmo e à força de sua própria natureza pecaminosa. Precisou exercer “autodomínio mais forte do que a fome e a morte”; precisou avançar quando sua “natureza” desejava recuar.⁶

Jesus renunciou a si mesmo sob pressão das necessidades físicas e emocionais de um ser humano sem pecado. Suportou, numa natureza não caída e corpo de capacidade reduzida, a pressão que Adão não esteve disposto a resistir num corpo e mente superior.

O homem após a queda, quando auxiliado pela graça de Deus, em dependência do poder do Espírito Santo, pode renunciar a uma natureza caída com seus desejos. A base do conflito é renúncia e dependência de Deus. Jesus deveria, “sozinho” e “sem haver ninguém que o ajudasse”,⁷ renunciar e depender na condição de segundo Adão, levando a natureza sem pecado, mas ao mesmo tempo e no mesmo corpo, a fraqueza física e psicológica conseqüente do enfraquecimento da raça.

A “revanche do deserto”, onde Cristo como o segundo Adão, entrou e recuperou a batalha perdida pelos primeiros pais “no lugar” na “mesma prova” de Adão⁸ foi uma vitória tão grande como o fracasso do primeiro par⁹. Nas tentações do deserto, Jesus recupera o reino espiritual (e material); vencendo pela superação de necessidades materiais, em situação extrema e sem ajuda¹⁰ (Is 63:1-5), os mais fortes apelos que a natureza humana pode suportar e, até superando os apelos naturais da própria existência ao ponto de, ao fim do conflito, ser necessária a

⁵“ambicionava” alimento, Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações*, 104.

⁶*Ibid.*, 103.

⁷Ellen G. White, *Mensagens escolhidas*, 2ª ed. (Santo Amaro, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985), 1:272.

⁸*Ibid.*, 267, 272.

⁹*Ibid.*, 288; *O Desejado de todas as nações*, 114.

¹⁰Ellen G. White, *Mensagens escolhidas*, 1:279. “...Cristo sabia que Adão, no Éden, com sua superiores vantagens, poderia ter resistido às tentações de Satanás, vencendo-o. Sabia também que não era possível ao homem, fora do Éden, separado, desde a queda, da luz e do amor de Deus resistir em suas próprias forças às tentações de Satanás.” Da mesma forma que Adão no Éden Cristo batalhou sozinho. Sua natureza permaneceu diferente da nossa após a queda: sem pecado. Se sua natureza fosse a mesma após a queda Ele não poderia vencer “sozinho”. Podemos vencer como ele venceu mas pela “Sua graça”. Uma vez que Ele venceu, aqueles que nEle crêem recebem sua vitória e o poder que santifica. Ellen G. White, *Mensagens escolhidas*, 1:226. Veio para redimir “a falha de Adão” e assim toda a sua descendência. Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações*, 102.

assistência dos anjos, diante do eventual risco de vida e tal a severidade da prova (Mt 4:11).¹¹

A equivalência da prova de renúncia das necessidades materiais, especialmente considerando o escopo especial do combate no deserto, demonstra, sem dúvida, que a vitória espiritual de Jesus está bíblicamente sustentada na superação da condescendência com apetites. Assim, os apelos do corpo e da mente, veículos para provocar a queda de Adão, mantém relação direta e necessária com o episódio da queda e da redenção.¹²

É a ausência do domínio dos desejos e necessidades do corpo a base da fraqueza humana hoje, e que somente pode ser recuperado pelo poder do Espírito (Gl 5:22) que opera nos que receberam a justiça de Cristo. É a atribuição ao pecador do caráter perfeito daquele que colocou o Pai em primeiro lugar e acima mesmo de Suas mais vitais e naturais necessidades.

A Pressão da Renúncia do Eu no Cristão e em Jesus

No caso do homem caído, além das necessidades naturais e lícitas para a existência e realização, uma outra lei natural entra em vigor: a lei do pecado que opera nos seus membros (Rm 7), como o faz todos os imperativos lícitos e naturais para a vida. O agravante é que a “lei do pecado”, esse domínio tirânico e naturalmente irresistível que nos leva a pecar, submete todos os imperativos inocentes da vida como a alimentação, segurança, realização e outros. Todas as necessidades naturais estão submetidas pela tendência para pecar, o desejo de pecar, a concupiscência, onde todo pecado e corrupção tem início, seja tal pecado praticado dentro ou fora da igreja (Tg 1:13, 14; 4:1-3; II Pd 1:4). Assim, a resistência à necessidade de pecar é tão severa como a renúncia da própria vida, pois renuncia a tudo que a tendência caída domina. Não é à toa que é chamada de “morte”. Estar sem o poder libertador de Cristo é estar morto (Ef 2:1). Libertar-se pelo poder de Cristo é morrer para o pecado e nascer de novo (Rm 6). É, pois, bem apropriada a linguagem da Bíblia que descreve uma situação dramática e real: a conversão é morrer renunciando todo o eu pecador e mesmo às necessidades naturais por ele dominadas. Dessa forma, para Jesus recuperar a falha de Adão e as nossas, não significou uma luta contra uma natureza caída que Ele não tinha e nem podia ter. Entendendo o pecado essencial que essa tendência implica, conforme demonstramos, seria difícil imaginar Jesus admitindo que nEle “não havia bem algum” ou que “o mal” estava com Ele, ou que ao nascer era “destituído da glória de Deus” como todos os demais homens. Mas Jesus, não tendo a natureza tendente ao pecado para ser dominado por ela, poderia ser, como foi Adão (também sem

¹¹Ellen G. White, *O desejado de todas as nações*, 115.

¹²Ellen G. White, *Mensagens escolhidas*, 1:271, 272.

tendência para o pecado) no Éden, dominado pelas próprias necessidades naturais na tentativa de levá-lo a, como fez com Adão,¹³ desconfiar de Deus, cobiçar o fruto e o conhecimento vedados e finalmente pecar. Deveria, portanto, “mostrar, no conflito com Satanás, que o homem, *tal como Deus o criou*, unido ao Pai e ao Filho, poderia obedecer a todo reclamo divino.”¹⁴

Limitações decorrentes de Sua missão levaram-no a renúncias equivalentes e até superiores às nossas.¹⁵

Assim que Jesus, tendo sido tentado “como nós” e “mais do que nós”, não pôde defender-se e nem requerer para si mesmo o que naturalmente Lhe era de direito como homem e Deus, mas renunciou a todas as coisas e “esvaziou-se” (Ef 2:1-8) para que pudesse ser o Redentor da humanidade. Uma vez que a tendência para o pecado é “natural” no ser humano caído, é nesse plano da inclinação pecaminosa que Satanás opera seu cativeiro na humanidade.

O Adversário, não tendo em Cristo um cativo, vítima da propensão ou concupiscência do eu para o pecado, deveria buscar outro modo de ação no qual ou através do qual, se possível,¹⁶ pudesse ter acesso Àquele que declarou acerca de Satanás: “nada tem em mim” (Jo 14:30). Satanás deveria buscar que Jesus decidisse desobedecer a Deus, não através de compulsão interior para o mal como ocorre conosco, mas através do exercício de Seus direitos naturais que Lhe estavam vetados, a exemplo de usar a divindade transformando pedra em pão para saciar a fome, coisa muito natural para Jesus embora sobrenatural para nós! Natural tornar pedra em pão e natural saciar a fome! Mais do que um direito, uma necessidade! Natural para alguém, extremamente fragilizado, buscar segurança e escapar da dor, humilhação e morte. Natural e necessário para o corpo e a mente, em agonia, receber e aceitar a proposta de ter o reino de volta sem a morte. Natural recuar diante de um conflito maior do que a Sua humanidade – conflito em favor de toda a raça humana – a morte eterna em lugar de todos, e retornar para as delícias junto ao Pai. Muito natural soprar e varrer do planeta a impiedade dos homens e anjos maus que o desonravam e contra Ele blasfemavam, mas o tempo para esse tipo de juízo ainda não havia chegado.

¹³Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações*, 104.

¹⁴Ellen G. White, *Mensagens escolhidas*, 1:253.

¹⁵Deus Lhe vedou o caminho suave: “é necessário que o Filho do homem padeça...” Era o “Homem de dores” (Is 53:3). Apesar de ser parte de Sua pessoa, Jesus não deveria usar a divindade para benefício próprio pois o homem não poderia fazê-lo, além disso o Seu caminho deveria ser de renúncia daquilo que todos os homens neste mundo têm como natural para a própria vida: não possuía projetos pessoais para este mundo. Deveria renunciar ao conforto e privilégios, até mesmo à comida e à vida e até mesmo ao exercício de Sua Eterna Divindade para cumprir sua Missão. A Redenção impedia-o de pensar no “bem-estar” do Filho do homem. Sua vida deveria ser de “tristeza, dificuldades e conflitos” e Satanás faria sua vida o “mais amarga possível”. *Ibid.*, 286. Sua prova foi “mais cerrada e mais severa do que as que jamais seriam impostas ao homem.” *Ibid.*, 289.

¹⁶A possibilidade de pecado em Cristo era tão real como o foi em Adão. Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações*, 41, 103, 115, 660.

Certamente, a renúncia de Jesus abrangia também todas as satisfações da vida humana e direito de fazer uso de poder divino para si.¹⁷ Para viver, restou-lhe apenas uma “comida e bebida”: “fazer a vontade do meu Pai” (Jo 4:34). A situação, portanto, poderia ser colocada assim: a angústia física e mental de um corpo humano fragilizado (pela renúncia de Suas naturais necessidades e até do exercício do poder divino) era o caminho para que Satanás tentasse induzir Jesus a desobedecer a Deus (situações como em Mt 4, descer da cruz entre outras).¹⁸

Conosco o plano de investida do inimigo, mesmo em pessoas convertidas, é explorar os apelos naturais do homem caído, (Tg 1:14; 4:1, 2) aos quais nos cabe renunciar em favor da vontade de Deus. Em nós, renuncia-se a natureza de pecado e seus apelos contrários à santidade de Deus, mas, em Cristo, renuncia-se às necessidades de um corpo fragilizado, embora possuindo natureza sem pecado, e também, o uso de Seu natural poder divino, uma vez que qualquer dessas alternativas seria pecado ainda que “por um pensamento”, mesmo em face da morte.¹⁹ Em resumo:

a – *Os pontos de investida eram diferentes* (tendência para pecar em nós x desejo para satisfazer necessidades naturais e inocentes em Jesus).

b – *A base de resistência era a mesma* (renúncia total do eu²⁰ em favor da vontade de Deus e entrega total aos seus cuidados).

c – *A força da tentação era a mesma* (os apelos da natureza: em nós interiormente para pecar x em Cristo os apelos exteriores para satisfazer necessidades naturais e inocentes – comida, alívio da dor – e isto, muitas vezes, em condições extremas!).

Assim, Jesus sofreu, por outro caminho e conheceu por outro modo, as mesmas pressões que nós que temos compulsão pecaminosa. Ele, porém, sem tal propensão para o pecado!

Comparação das Tentações de Cristo Com as Nossas Tentações

Consideremos, agora, a superioridade das provas e tentações de Jesus sobre nós em quatro aspectos, considerando-O como ser humano, que precisava enfrentar em nossa condição enfraquecida o teste da renúncia do eu, para fazer a vontade do Pai.

As **intensidades** de nossas tentações e as de Jesus são apresentadas na Bíblia como diferentes (I Co 10:13). Nessa passagem a tentação pela qual passamos, como

¹⁷ Ellen G. White, *Mensagens escolhidas*, 1: 276.

¹⁸ Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações*, 106.

¹⁹ Ellen G. White, *Mensagens escolhidas*, 1:211, 220.

²⁰ “Meu Pai: se possível, passe de mim este cálice! Todavia não seja como eu quero, e, sim, como tu queres” (Mt 26:39). Se alguém quer vir após mim a *si mesmo se negue*, tome a sua cruz e siga-me.” (Mt 16:24-26).

pecadores, é apenas “humana”, sugerindo que existe uma tentação maior do que a que experimentamos. A declaração é que cada pessoa será tentada de acordo com suas forças para que possa vencer, nunca será tentada mais do que pode resistir: “não vos deixará tentar acima do que podeis”. Além disso, garante a Bíblia, Deus proverá o “escape”. Por outro lado, se alguém depois de todo esse amparo divino ceder antes de alcançar a tensão máxima, conforme a capacidade de resistência que lhe foi dada, receberá a assistência especial do Advogado (I Jo 2:1). Jesus não teve sua prova aliviada e nem poderia pecar, sob pena de não ter uma segunda chance. Sua prova vai além dos cem por cento da capacidade humana porque Ele sofreu o que está além do ser humano suportar.²¹ Sua tentação era “tanto maior quanto Seu caráter era superior ao nosso”.²²

A **magnitude** da Sua Missão e responsabilidade era um peso adicional que nós não carregamos. Jesus deveria levar os pecados “do mundo” e tomar nossas “dores e enfermidades” (Is 53). Sua preocupação não se restringia a uma vitória calcada em razões pessoais para um escopo pessoal. Sua luta era representativa de Adão e neste de toda humanidade. E mais do que a humanidade, Ele deveria representar o caráter perfeito de Deus perante todo o universo inteligente. Nosso fracasso é individual e pode afetar outros, mas sempre será um fracasso pessoal, pois ele não é determinante, em termos absolutos, dos destinos dos outros. A raça humana ou o caráter de Deus não dependem, exclusivamente, do meu testemunho. A vida de Jesus era o único fator determinante para a redenção da humanidade e para a vindicação do caráter do Pai. Com um conflito de implicações e significados tão vastos, não é difícil perceber que Sua prova possuía uma magnitude maior do que a nossa.

O Salvador sofria **qualitativamente** mais que nós. Jesus era constituído de uma natureza pura e, conseqüentemente, refratária ao pecado. Sua natureza aspirava santidade e verdade. Estava, no entanto, num mundo de pecado e mentira. Ninguém jamais “odiou” o pecado como Ele. Ninguém jamais vivenciou um contraste tão contundente contra o pecado como Jesus²³. “Ó geração incrédula e perversa. Até quando estarei eu convosco e até quando vos sofrerei?” (Mt 17:17) Permanecer num mundo de pecado era um fardo adicional para Sua natureza sem pecado, não apenas

²¹Roy Adams, *The Nature of Christ: Help for a Church Denied over Perfection*. (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1994), 73-85. Discute acerca da suposta vantagem de Cristo sobre nós. Sua posição é que Jesus sofreu a força total da tentação enquanto nós recebemos apenas uma parte. Usando o que ele chama de “Escala Richter de Tentação”, adaptando a que é usada para terremotos, Adams, representa graficamente a declaração de 1Co 10:13. Concordamos com a ilustração considerando que não foi a cruz que matou a Cristo afinal, mas a tensão da prova que lhe rompeu o coração (Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações*, 741). Assim, não foi a tensão total (conteúdo) que um homem suportaria, foi maior, a ponto de romper o continente. Quebrou-se a escala. O abalo foi mais forte do que o suportável. A dor estava além da capacidade humana. Nesse caso a intensidade não veio sob medida, não pode ser avaliada. Foi “infinita” (*Ibid.*, 743).

²²Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações*, 102.

²³Ellen G. White, *Mensagens escolhidas*, 1:254.

pela contínua agressão que isso significava, mas também pelo motivo a mais que tal circunstância oferecia para sugerir o desvio de Sua Missão redentora até o fim. Além do mais, Ele estava exposto a todas a “forças da confederação do mal”.²⁴ Talvez a nossa adaptação ao pecado não nos permita sentir o desconforto de viver neste mundo, mas para Jesus este lugar lhe era uma contínua agressão pela generalização da iniquidade.

Também sofreu **quantitativamente** mais do que todos. Algumas tentações Jesus tinha e nós não as temos: em várias ocasiões foi tentado a usar sua divindade para conseguir alimento, deixar de beber o cálice do sacrifício, livrar-se dos seus algozes, descer da cruz. Apelos que nada significam para nós que não temos poder divino. Ele era tentado a desistir de redimir o homem e voltar para as cortes celestiais. Esse tipo de tentação nós também não temos.

Conclusão

Concluimos esta abordagem entendendo que todo o homem nasce pecador e sob o domínio do pecado, não porém Jesus, que tendo nascido de forma sobrenatural nasceu santo, sem pecado e “separado dos pecadores”. Isso era necessário para que Ele mesmo não estivesse na condição de perdido e precisasse de Redentor. No entanto, Sua natureza sem pecado não lhe ofereceu vantagem sobre nós devido às limitações decorrentes de Sua Missão. Ele precisou renunciar às necessidades e desejos lícitos, inocentes e fundamentais de Sua humanidade perfeita num corpo fragilizado, sentindo a dor da renúncia, dor esta que todos nós pecadores precisamos experimentar ao renunciarmos nossa natureza caída e seus condenáveis desejos.

Tendo passado por tudo que passamos, o Salvador possuía tentações que não temos, sensibilidade que desconhecemos, tornando Seu sofrimento mais agudo, pressões mais intensas e sem limites, além de pesar-Lhe a vida do mundo e a resposta esperada pelo universo.

Premido pela impossibilidade de uma segunda chance, o Senhor não teria um advogado caso pecasse. Daí, concluimos que a natureza sem propensão para o pecado, embora um qualificativo indispensável para que fosse o novo representante da raça humana, para ser o segundo Adão, o faz passar por uma renúncia muito maior do que a nossa, que somos convidados a renunciar o pecado, dor e morte, mesmo considerando seus efêmeros prazeres, mas tendo o recurso do arrependimento, enquanto Jesus, como o segundo Adão, não podia cometer qualquer erro.

Se nós sabemos o que é desejar o proibido por causa de nossas vis propensões e não tê-lo, pois seria pecado; Ele também sabe o que é ser vedado de ter o que

²⁴ Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações*, 101.

desejava (ainda que não desejasse o errado), pois isso seria comprometer a nossa salvação e a vontade do Pai. Ele sabe o que é renunciar a si mesmo, e o muito que tinha para nos salvar, assim como nós sabemos o que é renunciar o pouco que temos e o que somos, em nossas tendências más, para nossa própria salvação (e isso pela Graça).

Finalmente, sendo tentado em tudo como nós e mais do que nós, mas sem pecado, tornou-Se o nosso Modelo Divino, em lugar do primeiro Adão, exatamente o que Deus esperava que o homem fosse “física e espiritualmente” quando em harmonia com a lei de Deus.²⁵

²⁵ Se nosso alvo é a estatura de Cristo (Ef 4:13), nosso Modelo (Ellen G. White, *Mensagens escolhidas*, 1:338), como poderíamos vê-lo como alguém com as mesmas tendências mórbidas para o pecado que nós? A parte dos momentos de conflito em que sua aparência foi desfigurada (Is 53; Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações*, 103) e dos efeitos redutores de sua capacidade física devido aos fatores hereditários, Jesus era sem defeito “físico ou espiritual” (*Ibid.*, 42).